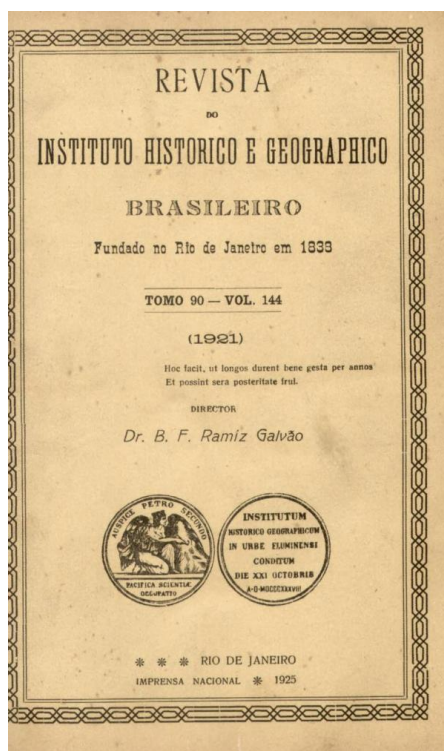




## **TUPIS E TAPUIAS: O PAPEL DO IHGB NA REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NO SÉCULO XIX**

Bruno Kalyton Lourenço  
João Vitor Michalake  
Luís Eduardo Terribille  
Marco Aurélio da Silva Ferreira  
Paulo Cezar de Almeida Junior

Na cidade do Rio de Janeiro está situada, desde o século XIX, a sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Desde que foi fundado em 1838, o IHGB passou a publicar uma revista por meio da qual desempenhou um papel significativo na construção da memória nacional brasileira.



Capa da Revista do IHGB, de 1925. Imagem disponível em <https://archive.org/details/rihgb1921t0090> (29/06/2023)

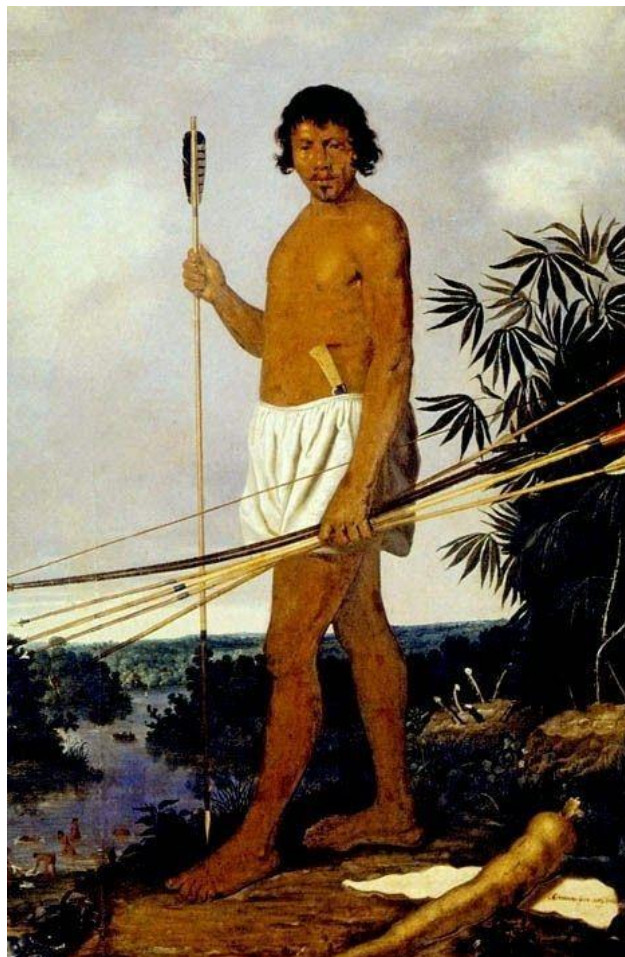
Dentro desse contexto, intelectuais do instituto, afinados com as concepções da monarquia então vigente, criaram representações dos povos indígenas que se orientavam por ideias da época sobre a civilização e a barbárie. Assim, o IHGB foi fundamental na criação da ideia de nação e do lugar que os indígenas ocupavam nela.

Para a criação das representações dos indígenas, os intelectuais do IHGB criaram duas categorias nas quais incluíam todos os grupos indígenas que ocupavam diferentes regiões do território brasileiro durante o período colonial: Tupis e Tapuias. Os denominados Tupis eram aqueles encontrados predominantemente nas áreas costeiras, enquanto os Tapuias seriam os que ocupavam o interior do país. Essa categorização, feita pelo IHGB, colocava dezenas de povos com características culturais e linguísticas próprias em dois “balaies”.

Na revista do IHGB, a representação dos Tupis e Tapuias era configurada de forma polarizada, com os Tupis sendo apresentados como mais próximos da civilização, colaboradores na “obra da civilização”; enquanto os Tapuias eram considerados “bárbaros” ou “selvagens”, obstáculos para o processo civilizatório. Essa representação refletia as ideias eurocêntricas da época, que valorizavam a cultura e os padrões de comportamento europeus, considerados superiores.

A visão dos “Tupis” como mais "civilizados" estava ligada à sua adaptação a alguns aspectos da cultura ocidental, como a adoção da língua portuguesa, e, no passado, a conversão ao cristianismo e as alianças com colonizadores. Além disso, a proximidade geográfica dos Tupis com os centros urbanos permitiu a eles terem maior contato com a população branca, o que influenciou na representação mais positiva que os intelectuais do IHGB faziam deles.

É importante observar que esse tipo de representação feita nas páginas da Revista do IHGB já era expressa no século XVII, o que se evidencia na pintura feita por um artista daquela época, que apresenta os atributos que no século XIX foram retomados para caracterizar um indígena considerado “Tupi”.



Albert Eckhout. Homem Tupi. 272 x 163cm, óleo sobre tela, Ethnographic Collection. The National Museum of Denmark, Copenhagen, 1643.

Na representação do homem Tupi, feita pelo pintor holandês Eckhout no século XVII, é possível perceber uma serenidade em seu olhar, passando a imagem de um homem pacífico. Elementos como a faca em sua cintura e a vestimenta que aparenta ser um tecido tipicamente europeu denotam a adoção de utensílios e cultura dos colonizadores. A pintura também insere no contexto raízes de mandioca, indicando que o indígena representado praticava agricultura – estágio considerado mais desenvolvido pelos padrões de classificação europeus.

Ao contrário dos “Tupis”, os chamados Tapuias eram caracterizados a partir de seus movimentos de resistência às ações coloniais, da preservação de suas práticas tradicionais, como o idioma e a forma de subsistência baseadas na coleta e na caça, consideradas atrasadas ou inferiores. Esses atributos podem ser observados na representação de um “tapuia”, feito pelo mesmo pintor do século XVII. A representação



Albert Eckhout. Homem Tapuia. 272 x 161cm, óleo sobre tela, Ethnographic Collection. The National Museum of Denmark, Copenhagen, 1641.

Na representação do “tapuia”, Eckhout o apresenta nu, posando com olhar desafiador, ostentando instrumentos de guerra ou de caça. Aos pés do homem uma serpente, que na tradição cristã, predominante entre os europeus, simbolizava o comportamento vil e traiçoeiro. São todos atributos que o IHGB, no século XIX vai reintroduzir na construção das categorias que estabelece sobre os povos indígenas. Para os intelectuais do instituto, os denominados Tapuia eram um povo perigoso, precisavam ser modificados ou destruídos. Os “Tupi”, por sua vez, eram apresentados nos artigos da revista de forma idealizada, como o indígena aceitável naquela sociedade, que desde o passado colonial colaborou com o processo de “civilização” do território nacional.

É importante ressaltar que essas representações na Revista do IHGB não refletiam a realidade dos povos indígenas, mas sim as percepções e preconceitos da elite intelectual brasileira da época. Como construções ideológicas, contribuíram para



a marginalização e desvalorização das culturas indígenas, reforçando a ideia de superioridade da civilização europeia e foram mobilizadas para justificar muitas ações violentas cometidas contra grupos indígenas nos séculos XIX e XX para esbulho de seus territórios.

Atualmente, é grande a mobilização dos vários povos indígenas pelo reconhecimento dos seus direitos relativos à cultura e ao território. Em decorrência da luta dos povos originários, representações mais respeitadas e humanizadas já são veiculadas socialmente, muitas delas expressas na chamada “arte de rua”, como a produzida pelo artista Marcelo Diamant, exposta em uma parede da Avenida João Gualberto, em Curitiba, com a qual finalizamos esse texto.



**Se quiser saber mais sobre esse tema, você pode consultar**

SILVA, NATÁLIA MOREIRA, Revista Eletrônica Discente História.com, Cachoeira, v.5, n.9, p. 54-68, 2018, Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Conheça também o trabalho do Grafiteiro e Tatuador Curitibano Marcelo Diamant nas redes sociais: Instagram @marcelodiamant